



# As religiões são instrumento, não um fim

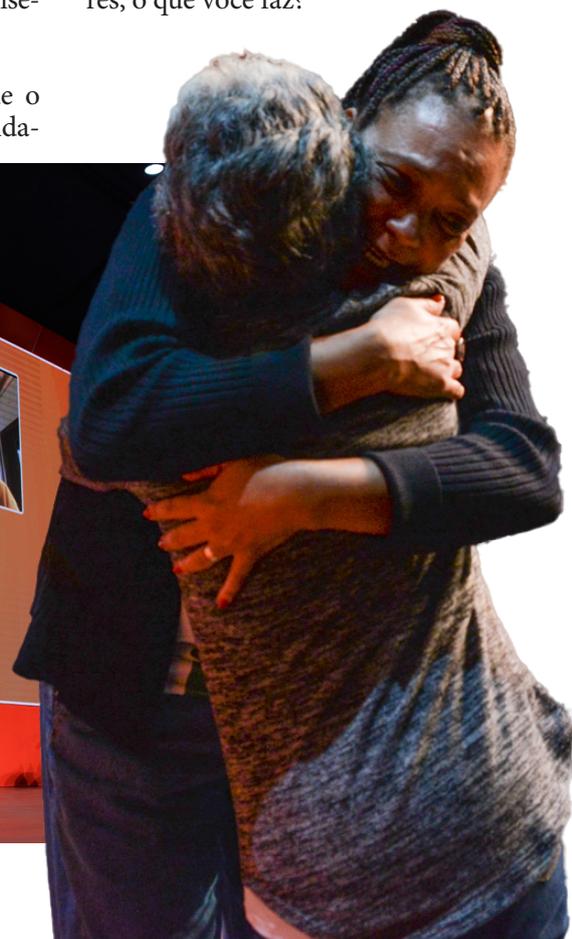
**N**uma mesa emocionante, representantes de diversas religiões foram unânimes em afirmar que Estado e religião não se misturam; o que a educação deve oferecer é uma um trabalho pedagógico que aproxime a todos os seres humanos para atingirmos a equidade. Participaram da mesa o padre Júlio Lancellotti, o pastor Ariovaldo Ramos e Kota Mulanji.

Padre Júlio Lancellotti abriu o debate explicando que o processo educativo tem um segredo: o princípio fundamental para o processo educativo é a convivência. Só aprendemos convivendo. Se você não convive, você não ama, não defende, não partilha. Precisamos reaprender a termos compaixão, partilha, misericórdia e empatia. Esses sen-

timentos não são dimensões religiosas, mas dimensões humanas. Padre Júlio criticou líderes religiosos que se valem do discurso religioso para manipular as pessoas, promover homofobia, racismo, tantos títulos e nenhum deles digno. “Não temos que buscar sermos religiosos, temos que buscar sermos humanizadores e humanizados no relacionamento humano. As dimensões humanas da vida não são privativas das religiões que, por sua vez, são um instrumento, e não um fim.” Para ele, o grande desafio para os educadores é como levar essa humanização para a vivência pedagógica, de maneira a formar pessoas capazes de empatia, misericórdia e compaixão.

Também lembrou Padre Júlio que o individualismo tira de nós a capacida-

de de um olhar com empatia, misericórdia e compaixão, numa sociedade tão desigual como a nossa. O capitalismo neoliberal tem a lógica do descarté. É impossível humanizar o capitalismo, que por si só é desumano, porque ele não leva em conta a vida, e sim a meritocracia. Ao afirmar que o ato educativo deve estar divorciado da meritocracia, e indagar o que significa solidariedade numa estrutura genocida de um estado necrófilo, Padre Júlio recordou que “certa vez um secretário de educação de São Paulo me mostrou todos os projetos para os melhores alunos. E eu perguntei: E com os piores, o que você faz?”



Padre Júlio falou ainda que temos que lutar historicamente contra o sistema necrófilo de dominação, que está com o joelho na garganta do nosso povo, principalmente dos pobres. “Nessa sociedade racista que despreza os quilombolas, que mata a juventude negra, que é LGBTfóbica, machista, xenófoba, aporófoba (hostilidade aos pobres e à pobreza) e misógina. São tantos títulos, nenhum elogioso. São sintomas de desumanização, próprios desse sistema.”

Padre Júlio finalizou sua fala de forma emocionante, lembrando que “Todos somos originais e diferentes. Temos que ser equitativos: cada um deve receber aquilo de que necessita. Não lutamos pelo povo, lutamos com o povo. Eu não luto para vencer, luto para ser fiel até o fim, porque sei que muitas vezes serei derrotado, mas serei coerente até o fim.”

O pastor Ariovaldo começou sua fala destacando que o Brasil tem a marca da religiosidade. São séculos sob uma cultura religiosa que apoiou o escra-

vismo e abriu espaço ao capitalismo em suas várias manifestações. O pastor defende que educação religiosa num estado laico é uma impossibilidade. “O estado não pode se envolver com educação. Ou o estado é laico ou ele promove educação religiosa. Se é importante promover educação religiosa, que isto seja função de cada congregação religiosa. Educação religiosa promovida pelo estado é injustiça e ausência de igualdade.”

A sugestão do pastor é que o espaço da educação religiosa seja usado pelo estado para a construção de um programa de aprimoramento dos direitos humanos. Um espaço em que haja aproximação de todos os humanos para atingirmos um estado de equidade, no qual todo o racismo e toda forma de segregação sejam banidos. Isso é um trabalho pedagógico. O que estamos assistindo ao longo de vários anos é um atentado à laicidade do estado. Na prática, a educação religiosa se torna proselitismo, e isso não pode nem deve ser feito a expensas do dinheiro público. O que estamos presenciando é um governo que lança mão da religião com fins eleitoreiros e alienantes. São pessoas que se prestam a ser ópio do povo. Ele concluiu afirmando que todas as fobias citadas pelo Padre Júlio Lancellotti precisam ser tratadas num espaço para a construção da civilização, e não para abrigar esta ou aquela religião.

A última palestrante a fazer o uso da palavra foi Kota Mulanji, que lembrou do apagamento da história dos povos de origem africana ao longo dos séculos. Para a líder (e autoridade) religiosa, quando se pensa num outro Brasil possível, não se pode aceitar que esse novo Brasil tenha em sua estrutura o racismo, a desigualdade de gênero, tampouco que ele seja estruturado a partir da morte das ideias e dos povos originários. O novo Brasil possível, segundo Kota, deve ser pensado a partir do matriarcado, com a participação de todos. Ela lembrou que “apenas 2% da população brasileira é praticante de rituais religiosos de matrizes africanas, e esses 2% sofrem 70% dos atos violentos de intolerância religiosa. Não vamos ter estado ou educação laica se continuarmos com o projeto político em curso, que marginaliza aqueles que pensam de forma diferente.”



O discurso de Kota Mulanji contemplou em cheio a manifestação de uma das delegadas inscritas para falarem após os palestrantes. Muito nervosa, a professora aposentada Regina Célia começou explicando que, em 43 anos de sindicalizada, era a primeira vez que ia falar num evento do sindicato. Foi ovacionada. Emocionada, Regina lamentou profundamente não poder usar branco numa sexta-feira com medo de ser chamada de macumbeira. Também lamentou, aos prantos, que sua filha, no sul do Brasil, fosse discriminada pela diretora da escola em que trabalha quando levava comidas tradicionais para serem partilhadas com os colegas. A diretora vira as costas para a professora e diz que é comida do diabo. Ainda aos prantos, Regina Célia também lamentou profundamente ver seu filho vítima de homofobia.

Ao final de sua fala, diante de um auditório absolutamente emocionado que lhe ovacionava de pé, a professora Regina Célia foi abraçada longamente pelos mediadores da mesa, os diretores do Sinpro Márcia Gilda e Cléber Soares. Ao descer do palco, ela também recebeu um abraço em grupo de vários diretores do Sinpro.

*Veja mais no site do Sinpro:*

<https://www.sinprodf.org.br/193218-2/>



# Educação é instrumento para acabar com a fome

Uma criança de 8 anos da periferia de Manaus levava um pote de sorvete vazio para a escola e pedia para que enchessem com a merenda. Ele queria salvar a família da fome. A história ficou conhecida pelas redes sociais, a partir de publicações de jornais pouco conhecidos.

De imediato, a triste história da criança manauara motiva a reflexão sobre o Brasil da fome. Mas também mostra que a educação é instrumento insubstituível para que todos tenham o que comer. O tema foi tratado no painel “A tragédia da fome – a soberania do Brasil em questão”, realizado nesta sexta-feira, no 12º Congresso de Trabalhadoras(as) em Educação. Na atividade, os palestrantes Frei Betto e deputada distrital Arlete Sampaio mostraram que a educação pode, sim, interromper a fome de forma imediata, como no caso da criança da periferia de Manaus. Mas também deixaram claro que a educação se apresenta como estrutural no combate à fome.

Frei Betto, que participou do Congresso de forma virtual, lembrou que a educação nutricional é “porta pedagógica que permite entrar no tema da fome”. Segundo ele, a escola deve

abordar os benefícios dos alimentos, bem como a ação criminosa do agronegócio, viabilizada como nunca pelo governo federal. “O agronegócio não produz comida para seres humanos, produz para animais”, disse ao afirmar que esse é um modelo de negócios de produção de alimentos voltado ao lucro e não à nutrição. “Escola serve para criar pessoas com consciência, não consumistas”, avalia Frei Betto.

O frade dominicano, que também é jornalista e escritor, lembrou que, atualmente, 33,1 milhões de brasileiros e brasileiras estão em situação crônica de fome e que 61 milhões pessoas no país enfrentam dificuldades para conseguir comida. Os dados são da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO). Isso em um país “apontado como um dos principais produtores de alimento do mundo, e que já esteve fora do Mapa da Fome em um passado recente”, destaca.

Para Frei Betto, é também através da educação que se esclarece a importância de políticas públicas contra a fome, decisivas para que comida no prato seja permanente. Ele lembra que a estratégia adotada às pressas e de

maneira irresponsável pelo governo Bolsonaro por meio do Auxílio Brasil nunca teve como objetivo a sobrevivência do povo, mas sempre foi sobre “a possibilidade de reeleição e sobre a obsessão de salvar a si mesmo e a sua família diante das várias acusações muito sérias”. Prova disso é que a fome visita sistematicamente a casa do povo brasileiro antes mesmo da pandemia, desde 2018, quando o país voltou ao Mapa da Fome. “Os recursos existem para que a fome não predomine em nosso país, o que acontece é que hoje não há disposição política de combater a fome no país”, afirma Frei Betto.

Para a deputada Arlete Sampaio, “a escola é um instrumento fundamental para garantir alimentação para jovens e adolescentes”, seja na oferta da merenda escolar ou na oportunidade de se construir um futuro diferente, com acesso a renda e, conseqüentemente, a alimentação. Isso, segundo ela, reflete em um país forte e soberano.

“Qual o Brasil que a gente quer? Eu quero um Brasil soberano, que seja respeitado internacionalmente, mas que, sobretudo, cuide do povo brasileiro”, disse a deputada distrital que se despede do cargo público com a trajetória marcada pela defesa da educação pública de qualidade, que seja capaz de destruir todos os monstros sociais, inclusive a fome.

Em homenagem à parlamentar, a diretora licenciada do Sinpro-DF Rosilene Corrêa, em nome da categoria do magistério público do DF, entregou a Arlete um ramalhete de girassóis. “Falar da Arlete é muito fácil, porque ela é e sempre será uma lutadora pela educação”, disse Rosilene.



Veja mais no site do Sinpro:  
[www.sinprodf.org.br/educacao-e-instrumento-para-acabar-com-a-fome/](http://www.sinprodf.org.br/educacao-e-instrumento-para-acabar-com-a-fome/)

# Nova diretoria toma posse no segundo dia do 12º CTE

Na noite de sexta-feira, 8 de julho, final do segundo dia do 12º CTE, a nova diretoria do Sinpro tomou posse para o triênio 2022-2025.

Diversas entidades do movimento sindical e social estiveram presentes: Antônio Lisboa, representando a CUT nacional; Rodrigo Rodrigues, presidente da CUT-DF; Roberto Leão, presidente da CNTE; Olgamir Amância Ferreira, representando o Fórum Nacional Popular de Educação; Flauzino Antunes, representando a CTB; Denivaldo Alves representando o SAE; e Marcilon Duarte, representando a Intersindical.

Além das entidades, também compôs a mesa o deputado distrital Chico Vigilante, representando a Câmara Legislativa do Distrito Federal; e o ex-presidente da CUT-DF, um dos

fundadores da central, atualmente presidindo o PT-DF, Jacy Afonso.

Completaram a mesa Rosilene Corrêa, que falou em nome da gestão que se encerra, e Luciana Custódio, pela nova diretoria. “Sejam ousados, enfrentem a realidade que se impõe a cada dia!”, saudou Antônio Lisboa em nome da CUT nacional, e sintetizando as esperanças de todas e todos os presentes.

Rosilene Corrêa, que deixa a diretoria do Sinpro, foi presenteadada com uma placa em sua homenagem. Ao despedir-se, ela falou dos demais colegas que deixam a diretoria, de sua experiência na entidade e da esperança no que virá. “Sinto muita gratidão à minha categoria por essa responsabilidade enorme que me confiou e por esse orgulho imenso que sinto por tê-la representando todos esses anos”, disse ela, emocio-

nada. “Continuarei firme na defesa da educação pública!”, garantiu.

O presidente da CUT-DF, Rodrigo Rodrigues, que presidiu a comissão eleitoral que conduziu as eleições do Sinpro, deu posse à nova diretoria. “Muita luta e muita solidariedade para derrotar o ódio organizado”, desejou Rodrigo.

Em nome da nova diretoria, Luciana Custódio agradeceu a professores(as) e orientadores(as) educacionais pela confiança na chapa 1. “Desejo que a gente tenha muita saúde, muita força, muita fé, que a gente se cuide e que sejamos acolhedores uns com os outros”, disse ela para seus companheiros de gestão. “Tomamos posse em um ano emblemático. Temos grandes tarefas, combater a fome, o fundamentalismo, o autoritarismo. Defender a educação!”, finalizou Luciana.

